

159 Memórias da prisão e do exílio

Fernando Bizerra - BGPRESS

"A gente não quer mais cacique.

A gente não quer mais feitor.

A gente agora está no pique:

Fernando Henrique pra Senador!"

O próprio candidato, já com 47 anos, mas ainda desafinado em jingles eleitorais, e um roufeno líder metalúrgico com idade e barbas de Cristo capricharam na campanha de 1978, em duetos inspirados pelos versos do amigo comum Chico Buarque. Só no ano seguinte viriam a anistia e o fim das amarras do bipartidarismo. Até lá, em oposição ao regime autoritário que tinha na Arena seu braço paisano, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio da Silva, o Lula, seriam parceiros de caminho. E de cantorias em palanques.

Em sua estréia nas urnas, aparentemente tardia, Fernando Henrique contrapunha a tal noviciado a condição de veterano em exílio. Desde o golpe de 1964, que o surpreendera quando escrevia uma tese para a cátedra da Sociologia da Universidade de São Paulo, tivera de viver cerca de dez anos longe do Brasil. Essas guinadas impostas pelas trapaças da sorte não são contempladas, hoje, com expressão feliz.

— O exílio é uma ruptura que não faz bem a ninguém, nem traz qualquer tipo de vantagem intelectual — disse ao **JB**. Vinicius de Moraes escreveu que "a morte é sempre desagradável". Eu diria o mesmo sobre o exílio.

Preso, logo depois da deposição do presidente João Goulart, cujas deformações populistas criticava em aulas, palestras e artigos, o professor Fernando Henrique foi interrogado no antigo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Teve o rosto coberto por um capuz, ouviu muitos gritos, testemunhou evidências de torturas até que resolveram libertá-lo, 24 horas depois da captura. Garante que não sentiu medo.

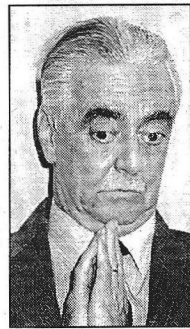
— Talvez porque as perguntas que me faziam eram mais que infundadas, eram ridículas — recor-



SÉRGIO MOTTA



LUÍS EDUARDO



JÂNIO QUADROS



PEDRO MALAN

da. — Meus interrogadores queriam provar que eu era trotskista.

Se o tivessem acusado de "neoliberal", os inquisidores, poderiam irritar o prisioneiro. Mas a expressão, naqueles tempos, nem sequer existia. E de trotskista Fernando Henrique não tinha nada. Como deveria ser definido, nos idos de 64, o professor incluído pelos novos donos do poder no grande lote dos suspeitos?

— Eu era, decididamente, o que se chamava de "intelectual de esquerda".

Em períodos politicamente bran-

dos, a espécie é inofensiva. Na hora da tormenta, é forçada ao exílio. Vistos através das lentes do maniqueísmo, certos momentos históricos impedem a existência de gente que se limita a pensar — e até intelectuais de direita passam a considerar miragem a figura do pensador em estado puro.

Fernando Henrique soube disso ao tentar permanecer na terra conflagrada. Pediu a um amigo que solicitasse os préstimos do jurista e professor Miguel Reale. Respeitado por figurões fardados, poderia testemunhar que o jovem sociólo-

go não punha em risco a nova ordem. A resposta: se consultado pelos militares, Reale diria que Fernando Henrique não se confinava em teorias. Era, também, um esquerdista prático.

O sociólogo compreendeu que a hora do exílio chegara. Em 1º de maio de 1964, num avião providenciado por amigos que haviam tramado em detalhes o plano de fuga, decolou clandestinamente do aeroporto de Viracopos, a cem quilômetros da capital paulista.

— O exilado tem a sensação de ser rejeitado pelo próprio país, acha que pouquíssima gente está interessado em que fique — contou ao **JB** em meio a recordações da viagem indesejável que o levaria ao Chile, depois de uma ligeira escala na Argentina, e finalmente à França.

Não achava que o regime militar duraria tanto. Mas tampouco sonhava que um dia seria, como determina a Constituição, chefe supremo das Forças Armadas.

Fernando Henrique gosta de mostrar fotos que o exibem com Lula na mesma frente política. Aparecem juntos nos comícios de 1978, ou distribuindo panfletos nas manifestações oposicionistas de 1979.

— Veja, nós somos amigos há muito tempo.

Há quase 25 anos, e só deixarão de sê-lo caso ocorra alguma conjunção dos astros extraordinariamente negativa. A amizade surgida em 1978 e consolidada nos meses seguintes sobreviveu à bifurcação do caminho, provocada pela fundação do Partido dos Trabalhadores. Sobreviveu a numerosos duelos eleitorais. Excetuado o segundo turno das eleições presidenciais de 1989, Lula e Fernando Henrique não dividem os mesmos palanques desde 1982, quando o candidato do PT foi um dos derrotados por Franco Montoro na disputa do governo de São Paulo.

Eleito suplente de Montoro quatro anos antes, Fernando Henrique assumiu a vaga do titular. Tentou a Prefeitura de São Paulo em 1985 e perdeu para Jânio Quadros. Não se sente grato pelas aulas eleitorais oferecidas pelo heterodoxo Jânio.

— É uma das poucas pessoas que desprezo — segue afirmando o candidato derrotado pelo homem da Renúncia.

Conseguiu mais oito anos no Senado em 1986 e, entre os trabalhos de parto do PSDB e da nova Constituição, colecionou colisões com estrelas do PT. Nenhuma danificou a amizade com Lula, favorecida por características comuns.

Homens de bem com a vida, ambos são avessos a ressentimentos. Dividem lembranças agradáveis. Combatem lado a lado a resistência democrática, e se saíram igualmente vitoriosos da batalha principal. Em público, como convém a adversários políticos, sabem fustigar-se muito bem, às vezes com singular aspereza. Sem testemunhas por perto, FH e Lula